

# III

## CONGRESO LATINOAMERICANO DE GRUPOS DE INVESTIGACIÓN EN CURRÍCULO

III CONGRESSO LATINOAMERICANO DE GRUPOS DE PESQUISA EM CURRÍCULO



25 NOV  
26 2021



Web: [congresolatinogic.com](http://congresolatinogic.com)

Organizan:



## OS CÓDIGOS DIGITAIS SUBSTITUIRÃO A ESCRITA? NOTAS DE PESQUISA.

### **Autores:**

**Renda Vitorino, Artur José**

**Amoroso Valera, Beatriz**

**Resumo:** Ao investigar o papel da escrita na formação da cultura e da própria noção de História, o filósofo Vilém Flusser, dentre outras preocupações, buscou problematizar se os códigos digitais substituirão a escrita e, assim, perguntar se escrever está deixando de fazer sentido. Este artigo, por meio do método interpretativo desenvolvido por Lonergan, buscou realizar um estudo dos escritos de diferentes pensadores com vista a responder às seguintes questões: i) qual o papel da escola em uma sociedade acelerada? ii) quem é o sujeito da escola? Assim, com vistas a estas questões, buscou-se argumentar o que há de específico no ato de escrever, quais as vantagens e prejuízos considerando outras formas de comunicação como o teclado e as telas do computador, para, enfim, entender se há futuro para a escrita. Concluiu-se que a substituição de uma forma de comunicação por outra, permeada pela tecnologia, é parte da ação e adaptação humana.

**Palavras-chave:** Educação Escolar; Escrita; Aceleração; Código digitais

**Abstract:** By investigating the role of writing on culture and History notion development, philosopher Vilém Flusser sought, among other concerns, to problematize whether digital codes will replace handwriting - and therefore, if the latter still makes sense. This article, through the interpretive method developed by Lonergan, consists of a study of the writings of different thinkers in order to answer the following questions: I) What is the role of schools in a

fast-paced society? II) Who is the subject inside the schools? Thus, with those questions in mind, we sought to argue what is specific in the act of writing, what are the advantages and disadvantages considering other forms of communication such as the keyboard and computer screens, in order, finally, to understand if there is a future for the act of writing. It was concluded that replacing one form of communication with another, permeated by technology, is part of human action and adaptation.

**Keywords:** education; writing; acceleration; digital codes.

### Introdução

Numa sociedade que se encontra sob o signo da aceleração social (Rosa, 2019), como compreender a emergência de um novo sujeito, uma nova instituição escolar e um novo meio de transmitir a mensagem, que, neste artigo, volta-se ao conhecimento e às ciências? Cabe pensar, então, se tradições antigas, como o ato de escrever, ainda encontram espaços em uma sociedade dinâmica e que constantemente revoluciona sua forma de comunicação.

Deste modo, ao se interrogar sobre o papel da escrita na formação da cultura e da própria noção de História, o filósofo Vilém Flusser (2017), dentre outras preocupações, buscou problematizar se os códigos digitais substituirão a escrita. Daí a questão: escrever está deixando de fazer sentido? Este artigo, por meio do método interpretativo desenvolvido por Lonergan (2013), buscou realizar um estudo dos escritos de diferentes pensadores com vista a responder às seguintes questões: i) qual o papel da escola em uma sociedade acelerada? ii) quem é o sujeito da escola?

Para responder a essas questões, este texto foi dividido em quatro seções: i) a primeira foi denominada de sujeito, pela qual denominou-se sujeito o que é comum chamar de receptor, mas aqui é sujeito porque para quem a mensagem é direcionada porta-se como sujeito e não como um receptor passivo, por isso argumentou-se que é a partir da análise do sujeito que se identifica a abordagem mais adequada para a transmissão da mensagem; ii) a segunda

seção, a mensagem, foi definida levando-se em consideração o que se quer ensinar ao sujeito, delimitado como o que é essencial a ser transmitido; iii) a terceira seção, a instituição, considerou-se a escola um dos principais meios universais responsável por transmitir a mensagem; vi) a quarta seção, o meio, buscou mostrar o que há de específico no ato de escrever, considerando esse ato como a principal via de transmissão da mensagem, quais são as suas vantagens e prejuízos, considerando outras formas de comunicação, tais como o teclado e as telas do computador, para, enfim, responder se há futuro para a escrita. Concluiu-se, a partir dessa análise, que escrever é uma das possíveis formas de difundir uma informação e do conhecimento, mas não é a única. Assim como para sua consolidação foi necessário superar outras formas de comunicação, a emergência tecnológica também nos empurra para a realização de mudanças estruturais nas formas de comunicação atual, mas isso não significará o fim da escrita, e sim o fim da hegemonia do "pensamento-em-linha" perante o *design* posto pelo "pensamento-em-superfície" (Flusser, 2007).

#### SUJEITO

Para a compreensão do meio e da mensagem é fundamental que antes entendamos o sujeito a quem se destina a mensagem. O sujeito consumidor do conhecimento é, antes de tudo, um ser sócio-histórico-cultural (Censi e Costas, 2009).

*Social*, pois não se constrói sozinho, mas sim em conjunto a outros. *Histórico*, pois é também fruto do contexto em que estão inseridas as instituições e filosofias que o regem. *Cultural*, pois acessa a linguagens e formas distintas de viver e conhecer o mundo a partir de sua inserção mais tenra, do contato com os seus e os grupos onde está inserido. Dizer que o homem é um ser sócio-histórico-cultural é assumir, portanto, que fazemos parte de grupos que determinam nosso modo de estar no mundo. Nascemos seres biológicos, com características designadas à espécie, mas tornamo-nos humanos à medida em que interiorizamos o mundo a partir de nossas relações.

Na tangente onde todos os conhecimentos se esbarram, a física mecânica nos auxilia a entender então o primeiro conceito para a definição desse sujeito, uma sociedade acelerada segundo Rosa (2019). Empréstamos dela a seguinte fórmula:

$$a = \frac{\Delta V}{\Delta t}$$

Nesta fórmula: a corresponde à aceleração; V corresponde à velocidade, ritmo com o qual executamos as tarefas e t representa o tempo disponível para a execução de nossas funções. O símbolo de delta ( $\Delta$ ), ainda, representa que esses valores são variáveis, ou seja, nosso ritmo de aceleração aumenta ou diminui na medida em que remanejamos nossos recursos de tempo ou a velocidade com que realizamos as tarefas. Alterar a disposição de tempo para uma função, ou alterar a quantidade de funções. significa alterar também o acelerado, para mais ou para menos. A aceleração social, portanto, é o aumento de V (ritmo de execução de tarefas) sobre o tempo para executá-las (t).

Rosa (2019) divide o fenômeno da aceleração em três dimensões: aceleração técnica, a aceleração da mudança social e a aceleração no ritmo de vida, todos intimamente ligados na construção do indivíduo.

A aceleração técnica aparece em virtude da economia de tempo, cada vez mais relevante em uma sociedade que corre contra o relógio. O homem produz, então, tecnologias capazes de interferir e modificar sua relação com o espaço. Passamos, assim, a repensar as próprias unidades de medidas: a distância espacial entre dois corpos é medida através de horas ou minutos.

As mudanças sociais são afetadas a partir do modelo que intensifica a quantidade e a rapidez de informação que circula. Não apenas são aumentados os ritmos de produção e consumo, mas também sua necessidade de consumir inovações tecnológicas que se atualizam constantemente, em detrimento de obsolescência de produtos quase novos. Nossa capacidade de pensar e tomar decisões é radicalmente afetada por essa mudança na estrutura social, pautada

no aumento frenético de opções a nosso alcance. Essa estrutura é sustentada, sobretudo, pela combinação de obsolescência e a sensação de imanente necessidade.

Outro resultado desse processo de aceleração pode ser encontrado na relação entre o indivíduo e as instituições reguladoras de normas e padrões. Acostumados à frenesi da aceleração cotidiana, os valores e objetivos desses grupos tornam-se facilmente ultrapassados e são com maior frequência abandonados ou substituídos.

O ritmo acelerado é, então, causa cotidiana. Viver de maneira estática ou manter o ritmo de outrora significa, à sociedade atual, uma imensurável perda de oportunidades. Imensurável, pois, a aceleração é tão constante que se torna impossível quantificá-la. É nesse cenário que surge o homem capaz de executar múltiplas tarefas, à busca por tempo, moeda agora tão escassa.

Cabe pensar, como sugere Rosa (2019), no sujeito inserido agora em uma sociedade acelerada e dinâmica em todos os seus aspectos: desde as mudanças sociais, até a própria produção e divulgação de informações e de conhecimento. O sujeito busca aprender, mas dispõe de pouco tempo. Busca dizer, mas dispõe de pouco academicismo. De modo que o conhecimento sempre esteja um passo de distância de seu observador.

A impaciência do Iluminismo (...) e a elas ligadas ideias de "razão atrasada", de progresso e da acelerabilidade da história foram pressupostos constitutivos para o subsequente triunfo das ciências naturais e da Revolução Industrial (Rosa, 2019, p. 90).

Somos, ainda, frutos dessa revolução. O homem moderno, desde o princípio, carrega o fardo da corrida contra o relógio. Antes, moldado pela natureza, o dia contra a noite. Posteriormente, pendurado nas paredes das fábricas que ditavam a divisão entre lazer e trabalho e hoje, nas telas digitais, a fusão permanente entre todas as personas: na mesma janela de tempo, sem que se altere o ambiente, o estímulo, tampouco a posição, fazemos as compras do

mês, visitamos museus, conhecemos pessoas, descobrimos o mundo. A curiosidade epistemológica não precisa esperar e é suprida com um clique.

O sujeito é, em suma, alguém sempre atrasado no caminhar da vida: um cotidiano cronometrado, em que pequenas alterações no trânsito causam grandes transtornos. Um planejamento para a vida, cujo surgimento de uma doença inesperada traz a desconfortável sensação de pausa. Alguém que, ao perder um minuto, arrisca bagunçar todos os próximos dias e vive na ansiedade de escolhas, pois que não pôde fazê-las no tempo certo.

### **Mensagem**

A revolução tecnológica interferiu drasticamente em nossa maneira de experienciar o mundo. Seus efeitos são sentidos em todos os campos: desde os relacionamentos, aparelhos domésticos e até mesmo na política. Seria, portanto, imprudente, acreditar que os processos científicos estariam fora desse escopo. Essa revolução científica, porém, é mais velha da revolução tecnológica que levou o homem a pisar na Lua com 4MB e que, em 52 anos já está absolutamente superada pelos celulares que hoje carregamos no bolso da calça. Ela advém do triunfo da razão, do aparente domínio da natureza pelo homem.

Antigamente (desde Platão, ou mesmo antes dele) o que importava era configurar a matéria existente para torná-la visível, mas agora o que está em jogo é preencher com matéria uma torrente de formas que brotam a partir de uma perspectiva teórica e de nossos equipamentos técnicos, com a finalidade de “materializar” essas formas. Antigamente, o que estava em causa era a ordenação formal do mundo aparente em matéria, mas agora o que importa é tornar aparente um mundo altamente codificado em números, um mundo de formas que se multiplicam incontrolavelmente. (Flusser, 2017, p.29)

O dinamismo da maneira que nos comunicamos e difundimos o conhecimento marca uma nova era permeada pelos aparelhos eletrônicos. Fora da escola, podemos ter acesso ao que antes se mantinha tão restrito aos especialistas, com os quais compartilhávamos o ritual sagrado de absorver todo o conteúdo passivamente e, terminado aquele momento, por vezes extinguiu-se também a possibilidade de aprender. Nesse cenário nasciam as sensações de “estar atrasado”, “não acompanhar o andamento da turma”, e a invariável tarefa de moldarmos os cérebros ao tamanho da aula: nada além, pois não cabia, nesse universo, espaço reservado aos questionamentos e filosofias para a curiosidade natural; nada aquém, pois o conhecimento medido através das métricas dos boletins, acusava como repetente o aluno que não apreendia o conhecimento passado de forma unilateral.

Daniel Pennac (2008) dedica uma de suas obras à angústia de seu eu menino. Nas confissões, Penacc apresenta um cenário comum e universal às salas de aula: o aluno que se mantém aquém do desejado na obtenção do conhecimento proferido em aula e, por essa razão, sente-se fadado ao fracasso.

Então, eu era um mau aluno. A cada final de tarde de minha infância, eu voltava para casa perseguido pela escola. Meus boletins contavam com a reprovação dos meus mestres. Quando não era o último da turma, eu era o penúltimo. Fechado primeiro para a aritmética e logo em seguida para a matemática, profundamente disortográfico, resistente à memorização de datas e à localização dos lugares geográficos, inapto para a aprendizagem de línguas estrangeiras, com reputação de preguiçoso (lições não aprendidas, trabalho não feito), eu levava para casa resultados lamentáveis ... (Pennac, 2008, p.15)

Cabe pensar, a partir desse questionamento sobre a insuficiência dos métodos escolares, que partir dos “resultados lamentáveis” tende a estigmatizar o que se



denomina de “mau aluno”; pois, nessa situação, qual seria o real espaço para a formação do pensamento crítico e do desenvolvimento intelectual, que pressupõe certo ritmo desacelerado? Se a mensagem se dispõe a transmitir conhecimentos, sobretudo aqueles ligados à educação operária ao qual estamos submetidos desde a industrialização, o conhecimento tecnicista abordado na escola, a um alto custo de exclusão de grandes potencialidades, tem cumprido seu papel.

Se pensarmos, porém, na ciência como uma função dinâmica, um braço da filosofia e da inquietude de estar em um mundo que não se conhece, abrem-se novas formas de pensar o conteúdo abordado em sala, desde sua pauta, até seus métodos. A mensagem, então, não é mais uma resposta a ser decorada, mas uma infinidade de perguntas a serem exploradas.

Explorar exige tempo. Sobretudo, tempo não cronológico. Investigamos o mundo a partir das salas de aula, leituras e cálculos supervisionados, corrigidos. Mas descobrimos o mundo também a partir da interação nos intervalos, no jardim na casa dos avós, nas viagens em família à praia. Conhecemos a partir das conversas cotidianas e das dúvidas que parecem formigas nos lençóis e não nos deixam dormir. Explorar exige ócio.

“Tempo é dinheiro” desenvolveu a nova forma de pensar e a nova ética de uma sociedade industrial, preocupada em suprimir qualquer ociosidade ao máximo possível. A utopia da produtividade absoluta descartou o ócio, em uma sociedade que não mais comporta a ideia do vazio. Tornamos nossos alunos excepcionais decoradores, pouco reflexivos. Uma cabeça cheia de informações programadas, sistematizadas, esquematizadas a serviço do progresso.

A ideia de vazio, aqui, não se equipara a vácuo. Não estamos ociosos de sentido, mas sim diretamente presos a necessidade de produção rápida, inclusive intelectual. Porém, assim como explica Rosa (2019), há processos naturais que não podem ser acelerados. A gravidez é uma delas. O período gestacional de uma ideia ou teoria também não pode ser apressado, sob pena de morte prematura. O estágio inicial é a livre associação e o desprendimento às obrigações acadêmicas e escolares. É preciso que haja um tempo ocioso o

suficiente para pensar sem que haja a obrigação de buscar uma resposta. Sem que se espere o resultado. Um tempo de apenas explorar os mundos internos e externos.

Meu pensamento se distingue do saber, dos processos de conhecimento – memória, imaginação, razão dedutiva, sutileza e geometria... Melhor dizendo: penso e invento quando me distancio desse saber e desse conhecimento, quando me afasto. Converto-me nesse vazio, nessa brisa, nessa alma cuja expressão traduz esse vento. Invento quando consigo chegar nesse vazio.

[...]Não é preciso se angustiar com o vazio. Vamos, coragem...  
(Serres, 2021, p. 43)

Não há razão para o medo e a angústia do vazio, defende Serres (2021). Do contrário, “a inteligência inventiva se mede pela distância com relação ao saber”. O conhecimento ganha uma nova forma, ou na realidade, apenas liberta-se das amarras industriais, corre livre. Se no vácuo do universo nenhum som se propaga, é no vazio das certezas humanas, nas entranhas de nossas mais profundas curiosidades, que o conhecimento tem sua chance de crescer.

## Instituição

A função da escola enquanto instituição é um debate sempre recente. Após sua constituição, enquanto a sociedade se altera, revisitamos também este lugar onde passamos considerável parte da vida. Como somos todos seus filhos e produtos, todos temos uma visão sobre ela, suas abordagens e metodologias.

É quase um milagre que os métodos modernos de instrução não tenham exterminado completamente a sagrada sede de saber, pois essa planta frágil da curiosidade científica necessita, além de estímulo, especialmente de liberdade; sem ela, fenece e morre. É um grave erro supor que a satisfação de observar e pesquisar

pode ser promovida por meio da coerção e da noção do dever (Einstein, 2019, p. 27).

Einsten apresenta, em sua autobiografia, incontáveis críticas à maneira de se produzir conhecimento e, sobretudo, à forma anódina de iniciação de crianças nos contatos preliminares do conhecimento científico, que acontecem com ênfase no período escolar. Suas observações críticas, quanto à maneira de a escola destruir a curiosidade, não foram as primeiras. Há muito tempo a escola vem sendo criticada por destruir a curiosidade das crianças.

Sibilia (2012) apresenta a escola como uma tecnologia de época, sendo moldável a partir das necessidades de cada período. É, assim, um projeto histórico. Se sabemos, portanto, que a escola também é um organismo vivo, mutável a partir de determinadas demandas sociais, cabe pensar a organização a qual estamos hoje submetidos.

O modelo atual, criado a partir da Revolução Industrial, possui objetivo determinado: levar conhecimento técnico e polir as ferramentas necessárias para torná-lo útil ao mundo do qual faz parte. Construir e modificar objetos do mundo, para melhor inserir-se nele é inerente à atividade humana. Desde a caça e coleta, a produção que facilita a vivência acompanha nosso desenvolvimento.

A industrialização tornou o conhecimento uma mercadoria rentável, por essa razão é que se mantém à vista que a escola é, também, uma fábrica de homens. Para Flusser, os homens podem ser reconhecidos por suas fábricas a ponto de sugerir uma nova classificação para a espécie humana: *Homines fabri*. Isso porque as fábricas são ambientes em plena transformação, pelos quais o ser humano se afasta de seu estágio inicial para a adaptação social, pois neles se produzem novas formas de homens (Flusser, 2017). Essas são as transformações significativas que contam a passagem do homem no tempo: suas ferramentas primárias, as Revoluções Industriais e, atualmente, a tecnologia.

A importância atribuída à organização humana em fábricas é tão evidente que sua análise transcorre os diferentes momentos históricos para entender como a vida corria de maneira significativamente diferente entre os homens fabris, junto às fábricas e os mais letrados, acadêmicos. Enquanto monges eram responsáveis pela produção literária de um determinado momento histórico, as revoluções desse mesmo povo nasceram nas fábricas.

As escolas também se enquadram nesse conceito. Se tornaram obrigatórias ao passo em que foi necessário construir novos homens capazes de entender e produzir novas máquinas: "a fábrica não é outra coisa senão a escola aplicada e a escola não é mais que uma fábrica para a aquisição de informações" (Flusser, 2017, p. 41). Para esse autor, as escolas e as fábricas do futuro, pensadas após a superação da durabilidade do homem pela máquina, se darão através de um ambiente para explorar as potencialidades humanas, deixando de ser apenas (re)produtor para apropriar-se de suas funções conscientes e cognitivas, do homem que pensa, aprende que produz novas informações.

No contexto de triunfo das organizações fabris é que se moldam as escolas que ainda frequentamos. Pautadas nas metodologias hierárquicas, as escolas apresentam o primeiro contato não apenas com as ciências, mas também com os limites e direitos de existir no mundo. Mantêm-se, então, a instituição, mas mudam os alunos.

O aluno atual, nascido em um mundo caótico e acelerado, sofre de problemas geralmente desconsiderados pelos seus professores. Devido à rápida mudança de acesso à informação, uma lacuna gigante se forma entre aqueles que assumem a tarefa de ensinar e aqueles de quem se espera a passividade do aprender: à geração progressa é inconcebível a ideia de que a informação se faz disponível em uma tela após poucos segundos de busca. Já para a atual geração, é uma obsolescência visitar bibliotecas e dicionários organizados alfabeticamente, pois para eles não concebem em sua rotina realizar buscas de informação que já não estejam organizadas e resumidas, às quais estão à mão num clicar pela *Internet*.

Sibilia (2012) analisa a vivência escolar a partir de um questionamento: seriam as escolas compostas por redes ou paredes? A diferença entre as propostas está marcada pela mudança do mundo da era moderna e contemporânea.

Enquanto a escola industrial, resultante da modernidade, é composta por paredes, regida pelo confinamento e treinamento de cidadãos para o desenvolvimento de trabalhadores úteis a esse sistema, a globalização e a internet viabilizam um novo modelo: as redes.

Do aluno, denominado por Sibilia (p. 73, 2012) de *aluno leitor*, espera-se desenvolver um tipo de aprendizagem: pautada na leitura e a escrita, que necessitam certa solidão para que se tornem efetivas. É necessário que a concentração se volte para o ato de desenhar os símbolos, formar palavras, digerir o texto. Mas essa imagem em nada nos remete ao aluno que hoje ocupa a carteira.

Em vez dela, o aluno multiconectado, ativo, formador de opinião, inquieto, com pouca concentração representa a maioria dos estudantes nascidos nesse novo momento. O discurso midiático é barulhento, não mais silencioso.

O aluno deixa seu papel de aluno, para então tornar-se *cliente* (Sibilia, 2012, p.93) e desenvolve um papel ativo em seu processo de ensino-aprendizagem. Passa a negociar com outras tantas opiniões, dentre elas a do professor, que antes detinha a autoridade do conhecimento.

Resta, então, a lacuna temporal que melhor representa o conflito dentro da sala de aula: o professor que aprendeu em silêncio, tentando ensinar em meio ao caos barulhento. Dessa obsolescência escolar nasce ainda o desinteresse, derivado da distância entre o mundo dentro e fora da sala de aula, desconectados. Mas, como poderia ser verdade se tudo no mundo permanece conectado? Como convencer o aluno de que durante o tempo em que estiver em aula o mundo lá fora deve deixar de existir? Será que é tão fácil executar essa proposta, a ponto de os próprios professores se isolarem do mundo durante o tempo em que exercem suas atividades escolares?

Evidentemente, a proposta é descabida. Ainda assim, é o que aplicamos cotidianamente, esperando a manutenção de resultados em um mundo

completamente diferente e dinâmico. Especialmente dinâmico, pois enquanto nos debruçamos para recolher argumentos pró e contra a nova vivência escolar, o tempo corre e talvez, antes mesmo de concluir, seja necessário retomá-la, pois as propostas já não nos servirão mais.

## Meio

A comunicação humana, assim como a fábrica, não é um processo natural. Com o propósito de tornar a vida suportável é que nos comunicamos, engajando nossa sociabilidade, fugindo da morte e do esquecimento. Para a realização dessa expectativa é necessário que haja troca na comunicação.

Entre os povos da Suméria nasce o que hoje consideramos, sobretudo no ambiente escolar e acadêmico, o principal meio de comunicação humana: a escrita cuneiforme, ainda muito ligada aos desenhos de símbolos para representar nomes, números e palavras. Posteriormente, os hieroglifos egípcios transmitiram até os dias atuais sua história, seus ritos religiosos. A escrita alfabética surge com um pequeno número de letras correspondentes a sons, que foram a base para o alfabeto grego. Desvendar esses símbolos, trabalho realizado sobretudo por arqueólogos, consistia em recriar certa imortalidade: a despeito das tradições orais e da memória, modificáveis ou passíveis de esquecimento, os símbolos permaneceram pela eternidade. Consideramos sua existência um marco tão significativo que, durante muito tempo, convencionou-se categorizar a história a partir da tradição escrita de certas civilizações, abrindo uma lacuna temporal da história de povos que pejorativamente chamamos pré-históricos. (Aguiar, 2005)

Não é, contudo, a primeira experiência narrativa: as pinturas rupestres há 70 mil anos já contavam histórias através de imagens e símbolos. A substituição de um modelo imagético pela escrita alfabética foi, também, uma construção histórica do homem. Flusser (2010) sugere que o pensamento digital em desenvolvimento é parte dessa linha cronológica e, portanto, substituirá a escrita linear.

Ainda assim, a apreensão simbólica de uma imagem é, em um primeiro momento, mais complexa que a palavra: identificar uma maçã em um desenho pode ser complexo, não obvio, diferentemente da imagem instantânea à qual nos remete a junção desses símbolos (também imagens) que formam a palavra m.a.ç.ã. Essa mudança na comunicação colocou o homem em um novo capítulo frente ao mundo: significá-lo para depois compreendê-lo (Flusser, 2010).

A escrita foi por nós recebida com especial entusiasmo: Vikings, maias, celtas, babilônicos, hindus e outros povos atribuíram mãos divinas à sua origem e ao poder que dela deriva. Ao longo do tempo, se mostrou um essencial fator para a consolidação de civilizações e culturas, além de facilitar a maneira que o homem conhecia e explicava o mundo.

A escrita serviu ainda como máquina do tempo: com a invenção de símbolos que representam algo, conjuntos de símbolos capazes de serem conjugados em diferentes tempos, passado presente e futuro tornaram-se mais acessíveis. Nas lendas e mitos que contam sobre o surgimento dessa nova forma de estar no mundo, o ser por ela agraciado é representado como aquele que ganhou poder e inteligência.

Embora antiga, a prática de escrever demorou para tornar-se popular. Era, antes, um ofício destinado a um grupo seletivo de escribas e monges (Flusser, 2017):

As linhas escritas impõem ao pensamento uma estrutura específica na medida em que representam o mundo por meio dos significados e de uma sequência de pontos. Isso implica um estar-no-mundo "histórico" para aqueles que escrevem e que leem esses escritos. Paralelamente a esses escritos, sempre existiram superfícies que também representavam o mundo. Essas superfícies impõem uma estrutura muito diferente ao pensamento, ao representarem o mundo por meio de imagens estáticas (Flusser, 2017, p.106).

Junto à escrita, nasce a capacidade de conceptualização. O efeito da palavra reside em significar ideias através de símbolos, não apenas representar o mundo fenomênico. O desenvolvimento dessa prática, contudo, trouxe a abstração de seu sentido: o algoritmo, a equação, a formulação científica que buscava a explicação exata do mundo, para isso valeu-se da abstração de conceitos ligados à palavra. A palavra, então, deixou de mostrar o mundo para mostrar o pensamento sobre ele.

A superação do mundo unidimensional veio através do mundo codificado em telas: televisões, cinemas, computadores e smartphones. A adequação nomeada pelo autor entre pensamento-em-superfície e pensamento-em-linha é, antes de tudo, um problema estrutural: a leitura de linhas segue um caráter rigoroso: da esquerda para a direita, do parágrafo ao ponto final, de cima para baixo. Enquanto isso, a análise de superfícies é caótica, observação que pode ser feita antes mesmo da tecnologia: a análise de pinturas, por exemplo, não segue um ritmo ordenado, mas está sujeita a interpretação e vontade do observador

Quanto ao seu conteúdo, o rigor metodológico da escrita em linhas também aprisiona o leitor. Para ser compreendido, o texto precisa ser lido na ordem proposta. Tanto é verdade que na língua portuguesa, há pontuações específicas para indicar a mudança do local do sujeito na frase. A norma escrita engloba, inclusive, suas rebeldias. Há normas para explicá-las. O trabalho para essa decodificação envolve, portanto, uma análise minuciosa do que está posto.

Já as mensagens contidas em pinturas, por exemplo, nos causam impressões. É verdade que a análise revela coisas que podem passar despercebidas em um primeiro olhar, mas alguns segundos são suficientes para uma impressão. Os sentimentos, questões e pensamentos elaborados a partir de uma pintura não precisam de mais de um segundo para começar a existir.

De maneira aparente, nossa sociedade tem se afastado dos textos, substituídos em larga escala por imagens. A imagem técnica tende a superar o impasse que se repete, ainda, no mundo imagético: descomplexificar a escrita que hoje mostra-se impenetrável, ao qual o autor nomeia *textolatria*: a incapacidade de



decifrar os significados de um texto, independentemente de sua capacidade para ler. O autor sintetiza a linha de comunicação humana em: “primeiro, as imagens (...) foram analisadas e convertidas em linhas pela escrita, depois estas linhas foram analisadas como pontos (questionadas) como cálculo, e agora estes pontos estão a ser re-sintetizados em imagens” (Flusser, 2007, p. 15).

Conforme se constrói o pensamento humano, adaptamos também a forma de nos enxergar no mundo. É compreensível, portanto, que em certo momento tenhamos nos esforçados em tornar visível a matéria existente. A explicação da matéria, porém, tornou-se tanto objeto de análises e teorias, que hoje a busca se compõe em materializar essas teorias, nas quais baseamos a explicação do mundo

Para Flusser (2010), a imagem técnica, obtida a partir das tecnologias eletrônicas, abre caminho para uma lacuna temporal: a falência de um sistema anterior de comunicação em detrimento de uma nova. As imagens e textos gerados nas máquinas são um novo jeito de representar o mundo, através do campo virtual, formados por caracteres informativos (e não explicativos), de forma direta, e são fonte de programação dos comportamentos e pensamentos humanos, formando a cultura de massas.

A revolução cultural, linguística e comunicacional nos força a criação de novos códigos, colocar o mundo em palavras, diferente de outrora, não é mais o suficiente para apreendê-lo, o mundo se expandiu. No meio dessa transição de eras, estamos nos comunicando através de representações que não traduzem mais a realidade, e que, portanto, tornam-se ineficientes para aprender com competência.

Flusser (2017) abre em sua teoria uma reflexão sobre a liberdade humana, que direciona a tarefa do pensar e opor-se à coisificação de maneira a reconquistar o controle dos aparelhos tecnológicos e depois programá-los de acordo com suas vontades definidas racionalmente. Não qualifica, assim, uma total negação à tecnologia, mas uma reflexão a partir dela.

O autor não descarta a primeira em detrimento da segunda, mas sim admite a ideia de que “há dois modos de enfrentar o mundo: ou em função da representação imagética ou a partir da escrita. Quaisquer deles serão sempre possíveis pelo sair do homem da realidade, na qual estava imerso, para o nível da re-flexão.” (Flusser, 2017, p.124), reforçando o olhar crítico sobre qualquer uma das formas de comunicação.

Esse novo olhar para além do funcionalismo é que abre caminho a um Homem Novo, refletindo-se em um mundo novo, uma vez que as coisas do mundo se refletem em nós, mas também elas são reflexos de nós. Assim, um novo homem origina novas coisas.

Afastando-se, da pura utilização do conhecimento e da comunicação para uma sociedade industrial, o novo homem constrói uma nova relação: estar no mundo de forma bela e lúdica (Flusser, 2017). Esse novo momento se caracteriza, sobretudo, pela aproximação entre a arte e a técnica, essência da sociedade tecnológica.

A relação entre coisa e objeto se altera a partir da imagem técnica: dentre as representações do real, ela se apresenta em um terceiro grau simbólico. Nesse ponto, o questionamento se volta ao grau de veracidade de uma imagem: existe no mundo aquilo que é retratado através da imagem virtual? A representação de determinada coisa/objeto, para o autor, não é apenas uma mera imagem, mas sim a criação de algo que passa a existir a partir daquele momento. Para o autor, “o virtual é um modo ontológico de manifestação do Ser: a realidade virtual, enquanto algo que existe, é real. O Ser que apreendemos e captamos (imageticamente) é resultado do tecnológico. O Mundo apresenta-se sob o signo da virtualidade” (Lebre, 2021, p. 130).

Essa nova realidade é constituída com base na informação. A época atual, porém, encontra-se em período de transição. Esse novo mundo, sem que exista uma definição adequada e suficiente, tem se construído no processo de aceleração social com cada vez mais agilidade.

Nossas medições e representações do mundo buscam, por fim, nos fazer pertencentes dele. Ser no mundo e do mundo. A imagem busca, desde sempre,

nos oferecer esse lugar, em constante mudança, pois mudam também seus criadores. Dentre as características dessa nova civilização, a escrita tem deixado ser central em nossas comunicações, dando espaço para uma nova comunicação, abrindo discussões sobre a liberdade seguida de responsabilidade para aqueles que a controlam.

Somando-se à sociedade acelerada descrita por Rosa (2019), e a mudança na comunicação humana apresentada por Flusser (2017), Serres (2021) nos lembra de uma transição importante: dado o surgimento da imprensa que, importante lembrar, nem sempre existiu, superamos uma forma de inteligência, pois não era mais necessário decorar. Guardar todas as informações tornou-se, então, obsoleto, porque todas as necessidades poderiam ser supridas pelos livros e bibliotecas. Esvaziaram-se, então, as cabeças cheias de conhecimentos acumulados antes por não haver outra opção, já que agora tornara-se mais fácil a consulta. Armazenar o saber não era mais uma habilidade humana que lhe garantiria qualquer vantagem. A humanidade, então, tornou-se menos inteligente?

É óbvio que não. Na realidade, o que ocorreu em seguida direcionou o foco atencional e a inteligência humana para outros desafios, agora que um deles havia se tornado contornável e acessível.

Não seria descabido pensar nesse momento como uma nova ruptura: acusamos de vazias as cabeças que não estão preenchidas com aquilo que julgamos fundamental, sem entender – ou admitir – que é impossível perpetuar um único modo de se construir inteligência. A nova genialidade mora em uma inteligência inventiva, criativa. Que dispõe de muitas ferramentas instantâneas para explorar o mundo tal qual hoje o conhecemos e, no tédio de percorrer os mesmos caminhos, acabará por inventar um novo mundo, sob a ótica de sua nova inteligência.

À resistência que sempre existirá, é possível traçar um paralelo com o “neurótico” para a psicanálise, como fez Rubem Alves (2012): essas são as pessoas prisioneiras do passado, que não lhes permite ver “a eterna novidade do mundo”; são reféns de sua mesmice e por isso soam confiáveis: se mantém

hoje, amanhã e eternamente o que foram ontem. Cabe ao sujeito a tarefa de desaprender, “esquecer o que não se sabe a fim de ver o que não se via”, olhar o mundo pela primeira vez sob a ótica de uma inteligência que assusta, pois, nova como é, tem pela frente todo o caminho a construir, mas que pulsa vida. É uma curiosidade que não dorme.

## Conclusão

Rosa (2019) utiliza-se da forma de aceleração para explicar o sujeito em seu constante processo de estar no mundo, variando sua disponibilidade de tempo e a velocidade com que se move. Flusser (2017) empresta da segunda lei da termodinâmica o princípio de que tudo perde sua forma para tratar da efemeridade de toda criação humana e irremediavelmente, de nós mesmos. Serres (2021) aborda o modelo educativo no qual estamos inseridos a partir de uma analogia física: assim como as estrelas, que ainda nos iluminam mesmo mortas, as instituições educacionais já morreram, esvaziaram de sentido, mas é ainda a partir de sua luz que produzimos conhecimento.

Uno à essas ideias, outro conceito físico: a entropia, utilizada na termodinâmica para medir o grau de desordem das moléculas, explicar os resultados como acasos muito bem determinados e sua invariável tendência ao caos. Muito embora a física se afaste do sentido social de desordem, não há aqui receio em utilizá-lo para explicar a ebulição social em que o conhecimento se encontra, sobretudo desde a Revolução Industrial.

Ao notarmos que as escolas se tornaram meios de (re)produção de um conhecimento técnico, este já estava obsoleto. A tecnologia acessível e portátil, o acesso à informação reduzida, as hiperespecializações, a desatenção biológica, a desieraquização e o mundo onde se desenvolveram e desenvolvem os jovens são absolutamente desordenados. Na direção contrária dos que se antecipam às respostas na tentativa fracassada de evitar o caos, nossa desordem pede que a apreciemos e deixemos que de seu aparente esvaziamento de sentido, nasça as respostas para perguntas que, embora

busquemos, não existem. Como serão os profissionais do futuro? Perderão habilidades motoras suficientemente relevante para caracterizar o dano, ou apenas estarão adaptados a um mundo do qual não pertencemos?

Os códigos substituirão a escrita? Negar à essa possibilidade é negar a capacidade humana de se reinventar e se adaptar, utilizando para isso as ferramentas necessárias. A substituição não é uma sentença de morte para a escrita, tampouco a negação de acesso ao conhecimento concebido neste modelo, mas uma adaptação ao meio, da maneira mais darwiniana possível, num mundo onde se consolida no tempo tudo aquilo que mantém sua capacidade de adaptar para sobreviver. Assim também é a informação e o conhecimento.

Por fim, embora o universo visível seja composto de trilhões de estrelas, vivas e mortas, sabemos que o que não vemos é ainda maior. Da mesma forma, embora o conhecimento produzido pela humanidade seja catalogado, explicado, esteja acessível nas universidades, nos livros e agora também em toda tecnologia que se produz, a sabedoria que nos compõe é ainda maior, infinita e em constante expansão. Tudo está em permanente mudança, nós também.

Como nos ensina Pennac, *falar a eles do que está por vir significa pedir que meçam o infinito com uma régua*. O futuro é imensurável.

### **Referências bibliográficas:**

AGUILAR, Luiz Antônio. Que haja escrita. São Paulo: Quinteto editorial, 2005.

ALVES, Rubem. A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CENCI, Adriane e COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. Pensamento e linguagem: cultura e aprendizagem. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 2, Passo Fundo, 2009.

EINSTEIN, Albert. Notas autobiográficas. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

\_\_\_\_\_. A escrita. Há futuro para a escrita? Trad. Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. A não-coisa 2 [1989]. O Mundo Codificado. R. Cardoso (Org.), trad. pt. de Raquel Abi-Sâmara. S. Paulo: Cosac Naif, 2007.

LEBRE, H. Pensar com V. Flusser a propósito da técnica. Trans/form/ação. Marília: Dossier Tecnica, 2021.

LONERGAN, Bernard. Método em Teologia. São Paulo: É Realizações, 2013 [1971].

PENNAC, Daniel. Diário de escola. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROSA, Hartmut. Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. Trad. Rafael H. Silveira; rev. tec. e trad. do prefácio à ed. bras. João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SERRES, Michel. Polegarzinha. Tradução: Jorge bastos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

SIBILIA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.